

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA

FACULDADE DE COMUNICAÇÃO

Stess Panissi

MEMÓRIA DE BARRO:

um olhar fotográfico sobre Paracatu de Baixo na tragédia de Mariana

Juiz de Fora

Julho de 2016

Stess Panissi

MEMÓRIA DE BARRO:

um olhar fotográfico sobre Paracatu de Baixo na tragédia de Mariana

Memorial Descritivo apresentado ao Curso de Comunicação Social – Jornalismo da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial para obtenção do grau de bacharel.

Orientadora: Profa. Dra. Márcia Cristina Vieira Falabella

Juiz de Fora

Fevereiro de 2016

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Panissi, Stess.

Memória de Barro : um olhar fotográfico sobre Paracatu de Baixo na tragédia de Mariana / Stess Panissi. -- 2016.

48 f. : il.

Orientadora: Márcia Cristina Vieira Falabella

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Comunicação Social, 2016.

1. Fotografia. 2. Tragédia da Samarco. 3. Lama de Rejeitos. 4. Paracatu de Baixo. I. Falabella, Márcia Cristina Vieira, orient. II. Título.

Stess Panissi

MEMÓRIA DE BARRO:

um olhar fotográfico sobre Paracatu de Baixo na tragédia de Mariana

Memorial Descritivo apresentado ao Curso de Comunicação Social – Jornalismo da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial para obtenção do grau de bacharel.

Orientadora: Profa. Dra. Márcia Cristina Vieira Falabella

Aprovado (a) pela banca composta pelos seguintes membros:

Profa. Dra. Márcia Cristina Vieira Falabella (UFJF) – Orientadora

Prof. Dr. Cristiano José Rodrigues (UFJF) – Convidado

Prof. Ms. Jesualdo de Almeida Castro (UFJF) – Convidado

Este trabalho é dedicado a todas as pessoas que, direta ou indiretamente, foram afetadas pela tragédia da lama. Em especial, aos antigos moradores de Paracatu de Baixo.

RESUMO

No dia 5 de novembro de 2015, o rompimento de uma barragem de rejeitos da mineradora Samarco provocou o maior desastre ambiental da história do Brasil e ganhou repercussão internacional. A enxurrada de lama de rejeitos invadiu subdistritos de Mariana, em Minas Gerais, poluiu o Rio Doce e seguiu seu caminho de destruição até o Oceano Atlântico. Entre os lugares afetados pela catástrofe, dois vilarejos foram completamente soterrados. O primeiro deles foi Bento Rodrigues, que ganhou grande evidência midiática. O outro é Paracatu de Baixo que, ainda com o território sob escombros, não encontrou o mesmo espaço na divulgação da imprensa. O objetivo deste trabalho é, através da fotografia, dar visibilidade a essa parte oculta da tragédia. Procurando unir informação com a possibilidade estética, foram produzidas imagens que mostram o impacto do rompimento da barragem onde a destruição passou despercebida.

Palavras-chave: Fotografia; Tragédia da Samarco; Lama de Rejeitos; Paracatu de Baixo.

ABSTRACT

On November 5th, 2015, the collapse of a mining dam that belongs to the company Samarco, caused the biggest environmental disaster in the history of Brazil and gained international repercussion. The flood of tailings mud invaded subdistricts of Mariana, in Minas Gerais, polluted the Rio Doce river and followed its path of destruction until the Atlantic Ocean. Among the places affected by the disaster, two villages were completely buried. The first was Bento Rodrigues, that got a huge media evidence. The another one is Paracatu de Baixo, that even with the territory under rubble, didn't found the same space in the press releases. The objective of this work is, through photography, to give visibility to this hidden part of the tragedy. Seeking for unite information with the esthetics possibility, were produced images that show the impact of the collapse of the dam where the destruction was unnoticed.

Key words: Photography; Samarco's Tragedy; Tailings Mud; Paracatu de Baixo.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – O Mapa da Destruição.....	12
Figura 2 - Cartaz estendido no centro histórico da cidade de Mariana	17
Figura 3 - Dona Eurides na porta da casa alugada pela Samarco em Mariana.....	19
Figura 4 – Sandra segurando uma pintura de seu antigo bar em Bento Rodrigues	20
Figura 5 - Comparação das tragédias: bonecos	24
Figura 6 - Comparação das tragédias: calçados.....	24
Figura 7 – Comparação das tragédias: flores.....	25
Figura 8 – Comparação das tragédias: salas de aula	25
Figura 9 - Comparação das tragédias: autoridades.....	25
Figura 10 – Galeria: Fuga.....	26
Figura 11 – Galeria: Infância.....	27
Figura 12 – Galeria: Legos	28
Figura 13 – Galeria: Carrinho de bebê	29
Figura 14 – Galeria: Sala de Aula	30
Figura 15 – Galeria: Vandalismo.....	31
Figura 16 – Galeria: Elias	32
Figura 17 – Galeria: Tambores da Folia de Reis	33
Figura 18 – Galeria: Presépio	34
Figura 19 – Galeria: Papa João Paulo II.....	35
Figura 20 – Galeria: Bar do Jairo	36

Figura 21 – Galeria: Enfeites de Natal.....	37
Figura 22 – Galeria: Disco de Vinil.....	38
Figura 23 – Galeria: Troféu do campeonato de futebol.....	39
Figura 24 – Galeria: Camas	40
Figura 25 – Galeria: Arco de flores	41
Figura 26 – Galeria: Altura da lama.....	42
Figura 27 – Galeria: Panorama geral	43
Figura 28 – Galeria: Pegada.....	44
Figura 29 – Galeria: Feixe de Luz	45

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 EM FOCO	12
2.1 A TRAGÉDIA CONSUMADA	12
2.2 O PROJETO PERDIDO	14
2.3 PARACATU RESGATADA	15
3 A IDEIA, O FATO, A FOTO	17
3.1 A MEMÓRIA DE BARRO	17
3.2 ENTRE O OLHAR OBJETIVO E SUBJETIVO	21
3.3 PRIPYAT E PARACATU, O QUE AS LENTES REVELAM	23
4 GALERIA DE LAMA	26
5 CONCLUSÃO	46
REFERÊNCIAS	47

1 INTRODUÇÃO

Barragens são barreiras artificiais com capacidade de reter líquido, rejeitos e detritos. Elas são construídas com a finalidade de amenizar os impactos ambientais, para que o material proveniente da exploração de minério não seja descartado no meio ambiente. Rejeito é tudo aquilo que não é usado após o processamento de minério, e é formado basicamente por lama e materiais arenosos. Na Samarco, uma mineradora brasileira que pertence a uma sociedade entre a empresa Vale S.A. e a anglo-australiana BHP Billiton, todo o rejeito gerado na etapa de beneficiamento do minério de ferro era armazenado em um sistema composto pelas barragens de Germano, Fundão e Santarém.

Por volta das 15h do dia 5 de novembro de 2015, a barragem de Fundão, com cerca de 55 bilhões de litros de lama espessa, rompeu-se sobre os 7 bilhões de litros de rejeitos da barragem de Santarém. A avalanche de lama desceu com grande força e volume, soterrando casas, matando pessoas e animais, dizimando distritos e contaminando o meio ambiente pelas centenas de quilômetros que percorreu. A tragédia foi classificada como o maior desastre ambiental da história do Brasil e ganhou repercussão internacional.

Parte significativa do conhecimento de tragédias e acontecimentos históricos internacionais chega por meio dos grandes veículos de comunicação. A imprensa, com seus textos e fotos, é um dos atores principais na produção da ciência dos acontecimentos ao redor do mundo. Na época, o rompimento da barragem dividiu espaço na mídia com o atentado terrorista em Paris, já que ambos aconteceram em novembro. Apesar de ter ficado conhecida como a tragédia de Mariana, a catástrofe não atingiu a cidade em si. O município que fica a 110 quilômetros da capital mineira não foi diretamente afetado pela lama e não teve sequer o abastecimento de água interrompido. Depois da mineração, o turismo se mantém como principal fonte de dinheiro para a população e a repentina fama internacional de Mariana na mídia gerou um grande impacto negativo no número de visitantes e no comércio da cidade. Os lugares que foram de fato atingidos são subdistritos que pertencem à zona rural de Mariana e ficam a mais 30 quilômetros de distância da área urbana da cidade.

O vilarejo de Bento Rodrigues foi o que ganhou mais destaque na mídia. O local foi o primeiro a ser invadido pela lama e foi completamente dizimado. Foram registradas 17 mortes e dois desaparecimentos. Paracatu de Baixo foi o segundo lugar atingido pela enxurrada de lama e também não existe mais. No distrito, as vidas se salvaram. No entanto, as casas, ruas e anos de memória foram soterrados e tornaram-se escombros. O rompimento da barragem fez romper

também a paz e a união das cerca de 600 pessoas, que, independente dos laços sanguíneos, compartilhavam o bom convívio que Paracatu oferecia. Mesmo com 90% do território embaixo da lama, o nome do vilarejo não ficou em evidência nos jornais. Os meios de comunicação não deram espaço para a história das pessoas que sofreram tanto quanto os moradores de Bento Rodrigues.

Entre os objetivos do presente trabalho, o principal está em evidenciar o impacto do rompimento da barragem em Paracatu, que passou despercebido pelos principais veículos de comunicação e, conseqüentemente, pela maioria dos brasileiros. Nunca haverá uma solução efetiva para vítimas que perderam tudo. Mas ao levantar a questão de qual deve ser nossa postura em relação à tragédia, a abordagem do tema surge com o compromisso de não permitir que ela caia no esquecimento. É importante manter a população consciente de que o desastre não aconteceu, mas ainda está acontecendo. As conseqüências perduram até os dias de hoje e continuarão por um período indeterminado. Como revelam os versos de Carlos Drummond de Andrade, no poema *Lira Itabirana*, e que foram amplamente resgatados pela mídia na época da tragédia: “(...) II. Entre estatais e multinacionais, quantos ais/III. A dívida interna. A dívida externa. A dívida eterna/IV. Quantas toneladas exportamos de ferro? Quantas lágrimas disfarçamos sem berro.”¹

O tema se mostra importante para a pesquisa em comunicação por se tratar de um assunto atual que promove discussões sobre problemas socialmente relevantes. Diante da pluralidade de caminhos para se discutir a temática à luz da comunicação e do jornalismo, buscamos trilhar aquele que mais nos fascina: a fotografia, na conjunção entre informação e possibilidade estética. Esta forma de trabalho possibilita a produção de um material capaz de documentar, testemunhar e comunicar em imagens algumas estações de uma tragédia. A partir do ato de captar o mundo através de uma câmera, a definição da fotografia e de seus objetivos foi abordada em algumas reflexões do fotógrafo francês Henri Cartier-Bresson, compiladas no livro *O Imaginário Segundo a Natureza*.

Uma fotografia é (...) o reconhecimento simultâneo, numa fração de segundo, por um lado, da significação de um fato, e por outro, de uma organização rigorosa das formas percebidas visualmente que exprimem esse fato. (...) Mas isto só diz respeito ao conteúdo da imagem e, para mim, o conteúdo não pode separar-se da forma; por forma eu entendo uma organização plástica rigorosa através da qual, exclusivamente, nossas concepções e emoções tornam-se concretas e transmissíveis. (BRESSON, 2004, p. 29)

Para alcançar tais objetivos, foi realizado um trabalho prático no formato de um ensaio

¹ Disponível em:

<http://www.revistapublicitta.com.br/acao/news/carlos-drummond-de-andrade-e-a-morte-do-rio-doce/>

fotográfico com 20 imagens, selecionadas de um universo de 112, que mostram o impacto deixado pelo rejeito de minério que destruiu o distrito de Paracatu de Baixo. Há que se registrar que para chegar a tal produto final, foi necessária uma ação de campo, um levantamento de dados não só sobre o rompimento da barragem e seus desdobramentos, mas, sobretudo, uma abordagem pessoal junto a alguns moradores envolvidos no trágico acontecimento. Personagens que foram nos dando coordenadas definitivas para que, assim, pudéssemos realizar nosso intento e desenvolver esse projeto de uma forma marcadamente autoral. Trata-se, portanto, de um percurso único e individual de impressões aqui relatadas.

As imagens foram capturadas no dia 27 de maio de 2016, pouco mais de seis meses após a tragédia, mostrando não a catástrofe em si, mas o que restou tempos depois do ocorrido. Os instrumentos utilizados para compor a narrativa visual foram uma câmera digital *Canon EOS 6D* e uma objetiva *Canon 24-105mm*, com abertura f/4l. Todas as fotos do ensaio fotográfico são caracterizadas pela forte presença dos tons de marrom.

Em geral, os elementos fotografados são objetos deixados para trás. Um troféu no campo de futebol, um disco de vinil quebrado e um par de sapatos são alguns dos elementos que emergem sobre os rejeitos de minério e revelam como a vida da comunidade foi abruptamente interrompida no dia 5 de novembro. A fotografia complementa a história e dá às pessoas uma referência visual da tragédia. De alguma forma, através das imagens, aquilo que desmoronou começa a ser reconstruído de outra maneira, com diferentes características, com toques daquilo que se foi, mas que ficou para sempre na história.

2 EM FOCO

Fotografar foi o ponto de partida. O que fotografar foi, inicialmente, uma incógnita, uma angústia, uma imagem nebulosa. Buscar a nitidez necessária foi algo que implicou num processo que foi, aos poucos, saindo das sombras e conquistando a luz.

2.1 A TRAGÉDIA CONSUMADA

Entre as barragens de mineração que existem no Brasil, Minas Gerais é o estado que possui o maior número delas e é o único com registro rompimento de grandes dimensões. Em 1986, em Itabirito, a barragem da Mina de Fernandinho se rompeu, deixando sete mortos. Na mesma cidade, em 2014, uma barragem da Herculano Mineração também cedeu e matou 3 pessoas. A história se repetiu em Nova Lima, em 2001, com registro de 5 óbitos. E na cidade de Miraí, em 2007, nenhuma morte foi registrada, mas o rompimento na Mineradora Rio Pomba Cataguases atingiu 1200 casas.

O rompimento da barragem da Samarco entrou para a história como o maior acidente envolvendo barragens registrado no país.



Figura 1 – O Mapa da Destruição

No primeiro momento, as pessoas desabrigadas foram alojadas em pousadas e hotéis na cidade de Mariana, com diárias pagas pela Samarco. Depois, as famílias foram transferidas para residências alugadas, como uma alternativa temporária para garantir uma melhor condição de

moradia, até que os vilarejos sejam reconstruídos em outros terrenos. Além do aluguel das casas, a Samarco presta auxílio financeiro no valor mensal de um salário mínimo para cada família mais um adicional de 20% para cada um dos dependentes.

No dia 21 de novembro, 16 dias após o rompimento da barragem, os rejeitos chegaram ao Oceano Atlântico. No caminho, a lama passou por cidades de Minas Gerais e também do Espírito Santo, que tiveram o abastecimento de água interrompido. De acordo com o IBAMA (Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis), em um laudo técnico de novembro de 2015, a lama atingiu 663 quilômetros do Rio Doce e afluentes e destruiu 1469 hectares de vegetação, incluindo áreas de preservação permanente.

De Fundão ao Oceano Atlântico, são quase oitocentos quilômetros de morte e tragédia, que expõem, em cada local, um novo problema de uma interminável lista: a destruição completa de dois distritos, a morte de moradores de Bento Rodrigues e de funcionários da Samarco, a contaminação do Rio Doce, o impacto nas comunidades que vivem da pesca e nas cidades que dependem do rio para o abastecimento de água e as consequências para os animais e para o meio ambiente.

2.2 O PROJETO PERDIDO

O rompimento da barragem vai muito além das consequências físicas, ambientais e econômicas. Além destes prejuízos, a tragédia afetou o sentimento de pertencimento de quem perdeu suas casas, sua rotina e seu estilo de vida. Além disso, a catástrofe implicou na perda de objetos que representavam os valores, as memórias e a história de vida dos sobreviventes. No início, o projeto era fazer um trabalho que envolvesse o conceito de memória, mantendo o enfoque nas fotografias, já que as imagens sempre estiveram associadas ao congelamento do tempo.

O objetivo era resgatar fotografias das casas intactas, através do acervo pessoal dos ex-moradores ou de imagens que estivessem disponíveis no ciberespaço, postadas em redes sociais ou em imagens de satélite do *Google Maps*. O plano era conseguir imagens de dez pessoas envolvidas na tragédia. Estas pessoas estariam segurando fotografias de suas casas intactas em frente ao exato lugar em que agora se encontram destruídas, de forma que o passado e o presente se confrontassem em uma única imagem.

No entanto, ao conhecer alguns ex-moradores de Bento Rodrigues pessoalmente e ao perceber que, mesmo depois de seis meses, tocar no assunto ainda era delicado para eles, ficou

evidente que levar as pessoas ao lugar que costumavam morar não seria um plano viável. Era um percurso de dor. Assim que a Defesa Civil de Mariana liberou para que a população voltasse ao distrito para resgatar seus pertences em meio a lama, a grande maioria optou por não ir. Os ex-moradores preferem guardar lembranças de um vilarejo intacto, de forma que as memórias dos anos felizes possam permanecer vivas por mais tempo, sem ter que passar pelo choque de testemunhar a destruição de perto.

Todas as pessoas entrevistadas, sem exceção, não conseguiram conter as lágrimas ao falar da tragédia. A necessidade de respeitar o luto e os sentimentos dos envolvidos levou à decisão de mudar os planos e não fazer um trabalho envolvendo pessoas, mas sim em cima do próprio lugar destruído. Ao tentar conseguir autorização da Defesa Civil para entrar em Bento Rodrigues, ficamos sabendo de Paracatu de Baixo. Até então, não havia nenhuma informação sobre o local na pesquisa feita previamente. A curiosidade de descobrir mais sobre o vilarejo acabou conduzindo o trabalho para outros caminhos, e o que tinha sido problema, acabou virando solução. Então, o trabalho a se desenvolveu em volta do questionamento da pouca divulgação dos impactos da tragédia em Paracatu. E vislumbramos ali, a possibilidade de registrar aquilo que não vimos registrado.

2.3 PARACATU RESGATADA

Paracatu foi o segundo município a ser atingido pela lama, e tinha cerca de 600 habitantes. No fim da tarde do dia do rompimento da barragem, um helicóptero da Defesa Civil pousou no distrito avisando que as pessoas teriam que abandonar suas casas imediatamente por causa da avalanche de lama que logo chegaria devastando o distrito. Sem tempo de salvar qualquer objeto, as pessoas saíram correndo para os pontos mais altos.

O Rio Gualaxo do Norte vai beirando um grande trecho da estrada de terra que conduz até a entrada de Paracatu. Durante todo o percurso, o único conteúdo do rio é a lama. No dia em que visitamos o distrito, foi possível perceber que quanto mais se aproxima da entrada, mais as árvores vão perdendo o verde forte e o caminho inteiro vai assumindo um tom uniforme de marrom. A poeira toma conta do lugar. A baixa umidade do ar faz o nariz arder, mas isso não chega perto do incômodo causado pelo silêncio do vilarejo. Paracatu de Baixo é agonizantemente silenciosa. O dia

27 de maio estava quente, e a luz dura do sol de meio dia fazia com que o marrom da lama ficasse ainda mais vivo.

Para qualquer lado, a única visão possível era de destroços. Tijolos, telhados e paredes caídos e envoltos pela lama davam a dimensão do impacto causado pela enxurrada de rejeitos. Ao entrar nas casas, a tragédia ia tomando formas mais pessoais. Sobre o chão, estavam objetos que faziam parte das memórias dos moradores e contavam a história de famílias que costumavam viver ali. Durante a visita, encontramos Elias Geraldo de Oliveira, que mora em Paracatu desde que nasceu. Mesmo sem condições ideais de moradia, ele foi um dos poucos que insistiu em continuar vivendo ali após a tragédia. Depois de 43 anos morando no mesmo lugar, ele não consegue enxergar a sua vida longe dali.

Elias foi como uma espécie de guia para nós. Ele e nos mostrou os principais pontos da cidade, como a escola, a igreja e o bar do Jairo e nos levou também para conhecer o lugar onde costumava ser sua própria casa, que era vizinha das residências dos pais e dos irmãos. Elias contou histórias da comunidade no período em que o distrito ainda estava intacto, e narrou o desespero do dia em que a lama invadiu sua comunidade. Segundo ele, algumas pessoas se recusaram a acreditar que a lama estava chegando e insistiram em permanecer em suas casas. Então, ele pegou sua moto e saiu de casa em casa alertando os descrentes e ajudando pessoas com dificuldades de locomoção, como idosos e alcoolizados, a saírem do vilarejo.

3 A IDEIA, O FATO, A FOTO

Assim, nos vimos na encruzilhada entre a ideia original, agora transformada, o fato trágico com seus desdobramentos e impactos, que abriam para nós uma outra perspectiva possível de registro, e o olhar fotográfico como concretização dessa ação. Nessa perspectiva, nossa proposta encontrou eco no trabalho do fotógrafo Andrew Leatherbarrow, que através de suas lentes foi até Pripjat e não deixou morrer a catástrofe de Chernobyl.

3.1 A MEMÓRIA DE BARRO

No fim da tarde do dia 26 de maio de 2016, chegamos à Mariana. Depois de 5 horas de viagem de carro, o único objetivo era encontrar uma padaria para comer. Ao finalizar o lanche, um cartaz do outro lado da rua chamou a atenção.

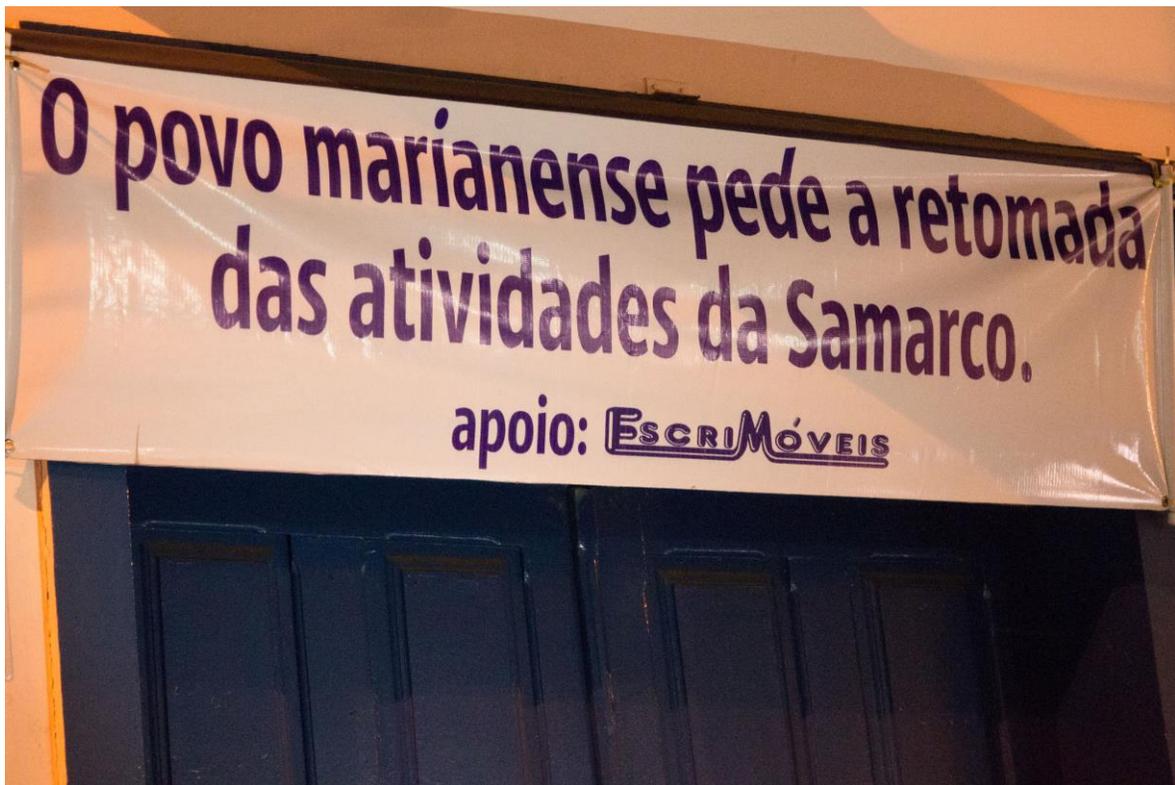


Figura 2 - Cartaz estendido no centro histórico da cidade de Mariana

A mensagem contrariou as expectativas do tipo de relação que a cidade mantinha com a Samarco. Ao questionar alguns moradores sobre suas opiniões a respeito da mensagem da faixa, foi possível concluir que a grande maioria da população não se revolta com a empresa porque a economia da cidade é baseada na mineração e qualquer impacto no funcionamento da Samarco

muda drasticamente os empregos e a arrecadação municipal. Mesmo sendo responsável pela destruição de distritos, a empresa é fonte de renda tanto para os moradores que perderam tudo e precisam de dinheiro para se reerguer, quanto para a população que não sofreu diretamente com a lama, mas que precisa dos empregos. Se a empresa interromper o funcionamento, uma tragédia ainda maior do que o rompimento da barragem ameaça a saúde, a educação, os programas sociais e as contas da cidade. Paulo Freire trata a questão da relação contraditória entre oprimido e opressor, na obra *Pedagogia do Oprimido*.

(...) em certo momento de sua experiência existencial, os oprimidos assumem uma postura que chamamos de “aderência” ao opressor. (...) Ao fazermos esta afirmação, não queremos dizer que os oprimidos, neste caso, não se saibam oprimidos. O seu conhecimento de si mesmos, como oprimidos, se encontra, contudo, prejudicado pela “imersão” em que se acham na realidade opressora. (Freire, 1987, p.35).

Ainda na padaria, conseguimos a informação de que a Rua Direita era o novo endereço de várias famílias que vieram de Bento Rodrigues. Na manhã da sexta-feira do dia 27 de maio, saímos a procura desta rua para encontrar os atingidos. A primeira casa em que tentamos, foi o número 158. Fomos bem recebidos por um senhor de cerca de 60 anos, que nos levou até sua mãe, dona Eurides da Paixão Souza, de 83. Mesmo sendo abordada para tratar de um assunto doloroso, a hospitalidade era o que mais se destacava na casa. Comunicativa e alegre, dona Eurides contou orgulhosa sobre sua família de 12 filhos, 50 netos, 20 bisnetos e 5 tataranetos, enquanto assistia à missa pela TV. Dentre as dores do desastre, Dona Eurides destaca a separação da família. Na casa alugada pela Samarco, só havia lugar para 11 pessoas. Em Bento, era possível abrigar toda a sua descendência, já que no terreno de sua casa estavam construídas moradias de filhos e netos, e ainda havia espaço para quem fosse chegar.

Com lágrimas nos olhos, Dona Eurides deixou claro que jamais voltaria em Bento Rodrigues, porque não tem coragem de ver de perto sua comunidade embaixo da lama. Ela conta que sente saudade de cada detalhe da sua antiga vida. Da vista do quintal, das missas na Igreja de Nossa Senhora das Mercês e das fotos de família que deixava guardadas no armário. “Daqui para frente, vai ser tudo diferente.” Comenta Dona Eurides ao passar o café. Ela afirma que já viveu a vida e que agora só pensa na família. Entre suas maiores reocupações, estão os filhos que precisam de novos empregos e os netos que irão crescer em um lugar diferente e urbanizado.



Figura 3 - Dona Eurides na porta da casa alugada pela Samarco em Mariana

Seguindo a rua, a próxima casa que encontramos foi a da Sandra Domertides Quintão, de 44 anos. Famosa na comunidade de Bento Rodrigues, ela mantém a reputação de fazer as melhores coxinhas da região. Desde 2000, ela transformou o casarão de dois andares que herdou dos pais em um bar. O local era ponto de encontro da própria população e de turistas da estrada real.

Quando a barragem se rompeu, Sandra correu para o alto de um morro com a sua filha de 3 anos e viu tudo sendo arrastado pela lama. Ela relata que o barulho era ensurdecedor, e que presenciou o telhado de sua própria casa indo embora, junto com o quintal em que costumava plantar milho e mandioca. Entre tudo que foi perdido, Sandra sente mais falta da Bíblia de sua mãe, que para ela representava a proteção do lar. Assim como dona Eurides, Sandra nunca mais pisou em Bento e afirma que não tem coragem de ver de perto seu vilarejo destruído. Hoje, ela vende salgados na feira de domingo em Mariana.



Figura 4 - Sandra segurando uma pintura de seu antigo bar em Bento Rodrigues

Sandra nos contou sobre o movimento #UmMinutoDeSirene, que foi criado pela sociedade civil para manter viva a memória da tragédia. O nome é uma crítica à Samarco, que não instalou sirenes para avisar os moradores de Bento Rodrigues e Paracatu de Baixo, os dois distritos mais atingidos pela lama de rejeitos de minério. No quinto dia de cada mês, o coletivo promove na Praça da Sé, no Centro da cidade histórica de Mariana, um protesto simbólico: toca a sirene durante um minuto e pede silêncio em nome dos mortos e desaparecidos.

Segundo os *e-mails* trocados com a Defesa Civil de Mariana, a entrada em Bento Rodrigues só era permitida nas sextas-feiras, mediante autorização prévia. Porém, a sexta do dia 27 de maio havia caído em um feriado, e por esse motivo as entradas não seriam liberadas. Ao tentar outras maneiras de acessar Bento Rodrigues, acabamos descobrindo Paracatu de Baixo e nos interessamos pelo lugar. Na hora do almoço, nos deslocamos para lá com dúvidas se o local estava mesmo destruído, já que nunca ouvimos falar dele na mídia. Ao chegar, nos deparamos com um cenário apocalíptico e demoramos 5 horas para conhecer o lugar e fazer as fotografias do presente trabalho.

3.2 ENTRE O OLHAR OBJETIVO E SUBJETIVO

Vivemos um momento histórico em que inúmeras imagens nos cercam e os avanços tecnológicos alteram a produção do jornalismo, através do qual temos acesso aos acontecimentos do presente. Para chegar no estágio contemporâneo, a prática fotográfica passou por diversas mudanças e assumiu o caráter jornalístico apenas em 1890, quando profissionais começaram a ser contratados pela imprensa exclusivamente para este fim. Isso ocorreu cerca de 50 anos depois de sua primeira aparição pública, em janeiro de 1839, através um equipamento que fixava imagens a partir de espelho, o daguerreótipo.²

A guerra aparece como primeiro tema do fotojornalismo, numa época em que o continente europeu passava por centenas de conflitos. O contexto de transformação social da segunda metade do século XVIII incluía o processo de industrialização e o progresso das ciências, que contribuíram para uma mudança nas formas de representação da natureza. A pintura perde espaço para a fotografia e o advento da prática fotográfica traduz uma nova maneira de olhar para o mundo.

No livro *A Câmara Clara*, Roland Barthes promove um debate sobre o signo fotográfico e discorre sobre experiência de estar diante de algumas imagens. O autor fala da fotografia como expressão simbólica que carrega elementos que tocam o espectador de maneira particular. Para Barthes, a fotografia consiste em um cruzamento de dois processos que formam a dualidade de uma imagem.

Diríamos que a Fotografia sempre traz consigo seu referente, ambos atingidos pela imobilidade amorosa ou fúnebre, no âmago do mundo em movimento: estão colados um ao outro (...) A fotografia pertence a essa classe de objetos folhados cujas duas folhas não podem ser separadas sem destruí-los: a vidraça e a paisagem, e por que não: o Bem e o Mal; o desejo e seu objeto. (BARTHES, 1984, p. 15)

O primeiro deles é o *Studium*, que se define como o segmento objetivo da imagem. É a parte que informa e guia o interesse pela consciência e pela ordem natural que engloba as características ligadas ao contexto cultural e técnico da fotografia.

O outro processo citado por Barthes, que vem contrariar o *studium*, é o *punctum*. Este apresenta caráter subjetivo, e diz respeito aos detalhes que tocam emocionalmente o espectador, variando de pessoa para pessoa. O *punctum* interessa justamente por ser a própria subjetividade do leitor: ele é pessoal e intransferível, cada um enxergará o seu. E porque realmente atinge, ele faz a

² SOUSA, Jorge Pedro. Uma história crítica do fotojornalismo ocidental.

foto viver no interior de quem a observa.

Na obra *O Ato Fotográfico*, Philippe Dubois aprofunda os conceitos abordados por Barthes e defende a ideia de que uma foto não é apenas uma imagem, produto de uma técnica e de uma ação, mas que é também passa pelo processo recepção, ao depender de interpretações para a construção de realidades.

Com a fotografia, não nos é mais possível pensar a imagem fora do ato que a faz ser. A foto (...) não é apenas o resultado de um fazer e de um saber-fazer ou uma representação de papel que se olha simplesmente em sua clausura de objeto finito. Ela é também, em primeiro lugar, um verdadeiro ato icônico, (...) algo que não se pode conceber fora das circunstâncias, fora do jogo que anima sem comprová-la literalmente: algo que é, portanto, ao mesmo tempo consubstancialmente, uma imagem-ato, estando compreendido que esse ato não se limite trivialmente apenas ao gesto da produção propriamente dita da imagem, mas inclui também o ato de sua recepção e de sua contemplação. (DUBOIS, 1994, p. 15.)

O autor busca retrazar o percurso histórico das diversas posições quanto ao princípio de realidade da fotografia defendidas por críticos e teóricos ao longo da história e expõe três pontos de vista sobre esta questão.

Primeiramente, ele reconhece a fotografia como o espelho do real. Este é o discurso da mimese, em que o efeito de realidade encontrado na fotografia se dava graças à semelhança entre este objeto e a imagem real. Entretanto, houve uma reação ao ilusionismo do espelho fotográfico e é levantada a questão de que a fotografia é testemunha da existência do referente, mas isso não implica que ela se pareça com ele.

Assim, ganha espaço o segundo ponto de vista, em que se reconhece a fotografia como transformação do real. Segundo o autor, este é o discurso do código e da desconstrução. A partir de então, tentou-se mostrar que a fotografia não é um espelho neutro, mas que é utilizada como um instrumento de transposição, de análise e de interpretação. Nesta etapa a foto seguiria a concepção de símbolo em termos piercianos, pois esta é um conjunto de códigos.

Entretanto, surge uma terceira forma de considerar a fotografia, em que ela seria um traço do real, sendo este o discurso do índice e da referência. De acordo com este ponto de vista, apesar de se ter consciência dos códigos presentes na fotografia, inegavelmente esta transmite o sentimento do real. Desta forma, a fotografia é primeiramente, índice, em um segundo momento ela pode se tornar ícone e assim adquirir sentido.

A partir desses autores, o processo de produção das fotografias deste trabalho incluiu a

busca de ir além da documentação do acontecimento, com o compromisso de experimentar formas de expressar a tragédia pelas simbologias e pelo não óbvio. Tal objetivo se construiu por meio de imagens que não fossem capazes apenas de informar a realidade, mas também de transmitir a ideia e o conceito da catástrofe.

3.3. PRIPYAT E PARACATU, O QUE AS LENTES REVELAM

No ano de 1986, na Ucrânia, aconteceu o maior desastre nuclear da história: a explosão do reator 4 em Chernobyl. A catástrofe liberou 100 vezes mais radiação do que as bombas atômicas jogadas sobre Hiroshima e Nagasaki e deixou um saldo 56 mortes por consequência direta do acidente e milhares de contaminados com material radioativo em todo o leste europeu.

Após a explosão, foi decretada uma zona de exclusão de 30 quilômetros ao redor dos reatores nucleares. A cidade de Pripyat, a três quilômetros de distância do complexo de Chernobyl, faz parte desta área e teve de ser completamente evacuada após o acidente. O local tinha 50 mil habitantes e foi projetado com o objetivo de ser o lar dos trabalhadores da usina e seus familiares e era um exemplo de modernidade e do sucesso do programa energético da antiga União Soviética. Em 2011, o governo ucraniano abriu a região para turismo. A visita à zona de exclusão pode ser feita apenas com autorização do governo, que é concedida ao contratar uma das agências licenciadas. As regras são estritas, existe tempo limite na visita e é preciso assinar vários formulários confirmando a consciência do risco que se corre.

O jovem fotógrafo escocês de 26 anos, Andrew Leatherbarrow, foi até Pripyat para fazer um ensaio fotográfico em 2011, 25 anos depois do acidente. Ele desenvolveu um trabalho minucioso que impacta ao mostrar os efeitos deixados no ambiente, mesmo tantos anos depois da tragédia. Para narrar sua jornada na cidade que faz parte da zona afetada pelo acidente de Chernobyl, Andrew escreveu um livro intitulado *Chernobyl 01:23:40: The Incredible True Story of the World's Worst Nuclear Disaster*, e as fotografias que ilustram as narrativas são as que ele próprio tirou durante a visita. O nome do livro traduzido para o português significa “Chernobyl 01:23:40: A Incrível História Verdadeira do Pior Desastre Nuclear da História”. Os números do início representam o horário exato em que Alexander Akimov, o supervisor da unidade, pressionou o botão de emergência do reator nuclear 4 de Chernobyl.

Separadas por 29 anos de diferença e mais de 10 mil quilômetros de distância, as tragédias

de Pripyat e de Paracatu têm pontos que as aproximam. A explosão do reator 4 e rompimento de barragem de Fundão fizeram com que uma cidade ucraniana de 50 mil habitantes e um pequeno vilarejo rural de 600 moradores no Brasil ganhassem um fim muito parecido. Os dois lugares agora são inóspitos, abandonados, submersos em substâncias tóxicas e se tornaram cidades fantasmas, em que a população foi forçada largar tudo de repente devido a um desastre humano e ambiental de grandes proporções.

Devido às semelhanças nos cenários e nas circunstâncias, as fotografias do presente trabalho encontram referências nas imagens feitas por Andrew Leatherbarrow. Os dois ensaios fotográficos estabelecem uma relação por conterem imagens que dão uma referência visual do impacto das tragédias. Algumas fotografias se relacionam diretamente, permitindo comparações de elementos. Dentre elas, foram escolhidas 5 imagens para ilustrar a relação entre os dois trabalhos. As imagens da esquerda fazem parte do trabalho do fotógrafo Andrew Leatherbarrow e apresentam uma identidade de cor bem delimitada, caracterizada pelo cinza da poeira radioativa. As fotografias do lado direito são as de Paracatu feitas para este trabalho, e ao invés do cinza, se caracterizam pela predominância do marrom, devido a cor da lama de rejeitos de minério.



Figura 5 – Comparação das tragédias: bonecos



Figura 6 – Comparação das tragédias: calçados



Figura 7 – Comparação das tragédias: flores



Figura 8 – Comparação das tragédias: salas de aula



Figura 9 – Comparação das tragédias: autoridades.

As fotos não registraram a catástrofe em si, mas sim o que restou do ocorrido, justamente para que essas histórias não se percam.

Esse foi o ponto que nos motivou para produzir as fotografias que estão a seguir em nossa Galeria de Lama. Por trás de cada uma delas, há uma percepção e uma narrativa. Inspirados no fotógrafo Joe McNally, em seu livro *O Momento do Click*, buscamos aqui em cada foto anexar nossas impressões.

4 GALERIA DE LAMA



Figura 10 – Galeria: Fuga

A enxurrada de rejeitos chegou até Paracatu quando o dia estava escurecendo. O que salvou a vida dos moradores foi a chegada de um alerta, à tarde, por meio de um helicóptero da Defesa Civil. Sem tempo de salvar qualquer objeto, as pessoas saíram correndo para as partes mais altas do vilarejo.

A imagem faz uma narrativa visual do momento da fuga. A disposição dos chinélos passa a impressão de uma corrida desesperada, em que eles foram largados para trás. A sensação que se tem ao olhar a fotografia é de que a pessoa saiu às pressas, sem tempo de dar o último adeus, e tendo que deixar para trás pertences e anos de memória. O par de calçados estava no quintal de umas das primeiras casas que se vê ao chegar em Paracatu.

O enquadramento mais fechado foi escolhido por remeter à proximidade, estabelecendo uma relação mais pessoal e emocional com quem observa a foto.



Figura 11 – Galeria: Infância

A imagem leva a refletir como as crianças lidam com a situação e quais as consequências emocionais deixadas pela enxurrada de lama. Para um adulto, o processo já é difícil, e tudo fica ainda mais delicado para alguém que ainda está em formação. As crianças de Paracatu tiveram que sair do lugar em que vivem há anos para uma realidade desconhecida. Mudaram de escola, de casa, perderam seus brinquedos, suas camas. Tiveram que abrir mão dos costumes de uma criança de zona rural, como andar a cavalo e soltar pipa, para se adaptarem a uma rotina nova na cidade.

A foto foi tirada dentro de uma casa, em um cômodo que parecia ser o antigo quarto da(s) criança(s) e carrega uma grande carga emocional, justamente por se relacionar com a infância. Os bonecos largados no chão e sujos de lama perderam a cor original e assumiram um tom de marrom, o que deixou a foto com uma coloração uniforme. Os três elementos formam composição melancólica. Um está sem cabeça, o outro aparenta estar com os olhos fechados e o terceiro está caído de costas. As posições remetem à morte e provocam incômodo ao observador.



Figura 12 – Galeria: Legos

Brinquedos de criança mais uma vez aparecem como referência. Aqui, preenchiam um grande espaço silencioso. Desenhos de animais sorridentes nas paredes, letras do alfabeto e janelas coloridas levam a crer que o lugar é uma escola de educação infantil ou uma creche. Entre todos os brinquedos espalhados pelo chão, os legos se destacaram. O recorte da cena foi feito para retratar o que parece ser uma reprodução em miniatura do cenário em Paracatu. Os blocos espalhados, a cerquinha caída e a bagunça que compõem a foto, parecem representar em menor escala os tijolos e partes de casas reais desmontados e espalhados no meio da lama.

O lego se define como um brinquedo em blocos que podem ser encaixados um nos outros. A prática de montar e desmontar faz uma analogia ao conceito de construção e desconstrução e se relaciona com a impermanência das coisas. Ontem, a casa estava lá, a escola estava lá. E, de repente, nada disso existe mais.

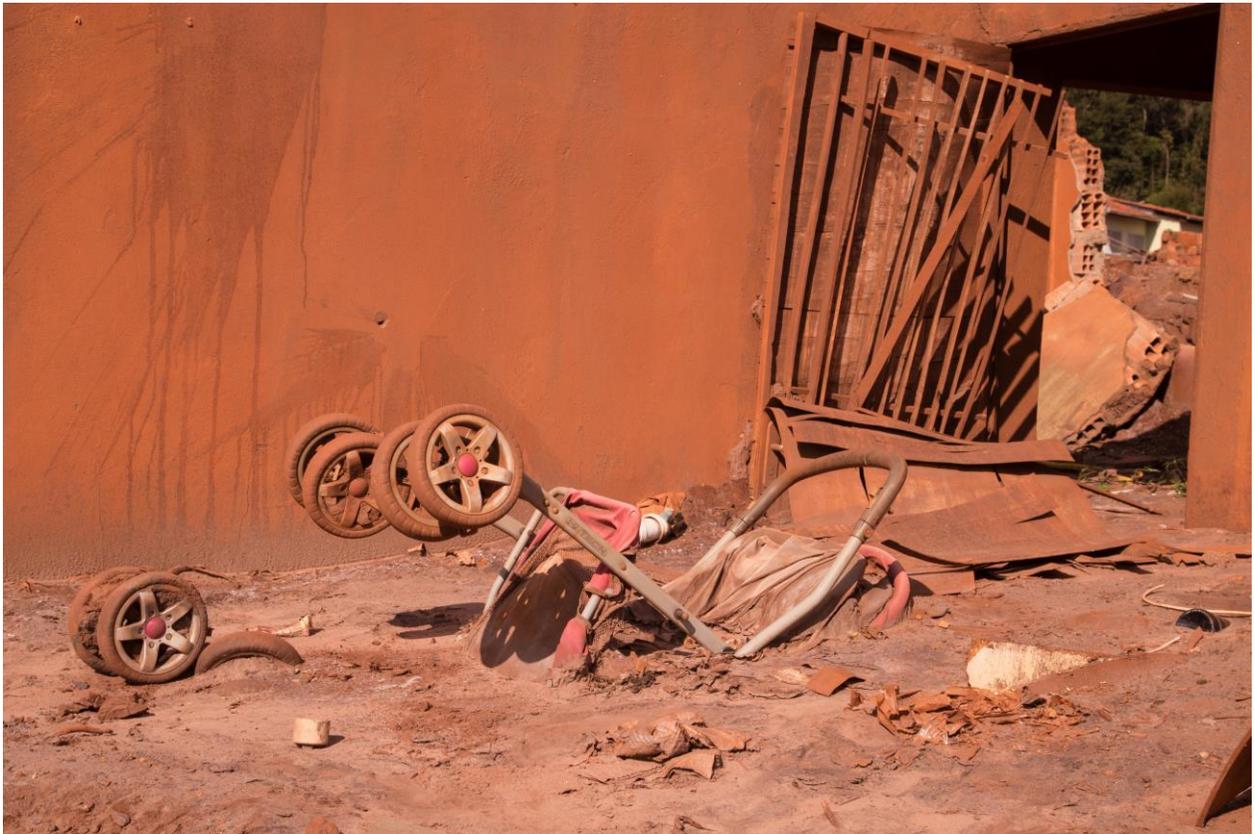


Figura 13 – Galeria: Carrinho de bebê

Paracatu era uma comunidade rural, com uma população pequena em que todos se conheciam e mantinham laços de companheirismo e amizade. Muitas famílias viviam há gerações no lugar, e era quase unânime o desejo de criar e manter a proximidade com os familiares e entes queridos. Dona Eurides tinha orgulho do grande terreno com espaço para mais filhos casarem e construírem casas ao redor da sua, e conta que todos os moradores de sua vizinhança eram parentes. A vida corriqueira de um lugarejo que florescia nessa simplicidade.

O carrinho de bebê enterrado é símbolo de uma história que estava destinada a crescer e poderia passar sua vida toda ali, como fizeram seus pais e avós, mas que teve o ciclo interrompido e foi obrigado a se mudar pra uma outra cidade. A porta aberta à direita da foto representa essa passagem, como se fosse o caminho da saída em que as famílias passaram para nunca mais voltar. A foto é uma representação de como a lama alterou o arranjo social da comunidade.



Figura 14 – Galeria: Sala de Aula

O cenário da foto faz parte de uma sala de aula do segundo andar da Escola Municipal de Paracatu de Baixo. A escada que leva até este pavimento é instável. E, por todo o lugar, as paredes mostram rachaduras que denunciam o comprometimento da estrutura do prédio.

As mesas e cadeiras presas mostram a força da lama, que mesmo depois do nível ter baixado, continua firme. Apesar do barro denso imobilizar a parte física das salas de aula, a vida escolar continuou se movendo. Agora, as crianças e adolescentes da pré-escola até o ensino fundamental estudam na Escola Municipal Dom Luciano Mendes, em Mariana. De acordo com o site da Samarco, a empresa oferece transporte e material escolar e os professores e funcionários são os mesmos da instituição destruída. No entanto, a paisagem é outra. Como já não é a mesma a paisagem original.



Figura 15 – Galeria: Vandalismo

Assim como na fotografia anterior, o cenário pertence à Escola Municipal de Paracatu de Baixo. A imagem foi composta por um plano geral para ambientar o espectador e dar uma maior dimensão do dano causado no lugar. Não bastasse toda a tragédia que se abateu sobre Paracatu, ainda aconteceram saques e atos de vandalismo. Após a tragédia, não havia energia elétrica e o local ficou praticamente deserto e sem policiamento para controlar o fluxo. Como o ambiente estava vulnerável, em muitas casas as paredes foram pichadas e desapareceram móveis, objetos e roupas. Em outras, faltam portas e janelas.

O cenário denuncia os atos de vandalismo na escola e a situação dos armários sugere que eles foram arrombados e os livros foram espalhados pelo chão em uma busca por algum objeto de valor. Apesar de todas as salas da escola terem sofrido algum tipo de vandalismo, algumas pichações nas paredes expressavam mensagens de protesto e solidariedade, como “Paracatu, estamos com vocês” e “Não queremos esmola da Samarco, queremos nossa vida de volta”.



Figura 16 – Galeria: Elias

A Samarco paga o aluguel de casas para que os moradores do distrito possam morar em Mariana. A acomodação é temporária, enquanto se aguarda uma definição sobre onde as casas serão reconstruídas. Mas mesmo sem energia elétrica, sem segurança e sem companhia, algumas pessoas preferem continuar no vilarejo porque são apegadas ao local. Cerca de dez casas, localizadas no alto do distrito, resistiram à tragédia.

Elias Geraldo de Oliveira, o nosso guia durante a visita em Paracatu, foi um dos que insistiu em continuar morando no vilarejo. Sua mulher foi para uma casa alugada em Mariana, mas ele preferiu não acompanhá-la.

Na foto, Elias está com o pé em cima do que costumava ser o telhado da sua casa. No bolso de seu casaco, está estampada a logomarca da Samarco. Em geral, a população não se revolta com a empresa porque a economia da cidade é baseada na mineração e qualquer impacto mudaria drasticamente os empregos da cidade e a arrecadação municipal.



Figura 17 – Galeria: Tambores da Folia de Reis

José Patrocínio de Oliveira, conhecido como Zezinho de Paracatu, é o pai e Elias. Com 86 anos, ele era o responsável pela Folia de Reis da comunidade. A festa era considerada patrimônio imaterial catalogado no inventário de Mariana e acontecia desde 1954. O grupo saía pelas ruas cantando e contando a história da visita dos Reis Magos. Zezinho fazia questão de ensaios constantes, além de ter disposição para organizar a festa, que acontecia todo mês de setembro para homenagear o menino Jesus.

Zezinho nasceu e foi criado em Paracatu e começou a acompanhar a folia com 9 anos, com seus pais e avós. Quando cresceu, levou seus 24 filhos e, há 46 anos, estava à frente do comando. A imagem mostra os tambores da Folia de Reis no local em que eles costumavam fazer os ensaios. Tudo se foi. Além dos tambores, em algum lugar sob a lama, estão o reco-reco, a bandeira e as fantasias.



Figura 18 – Galeria: Presépio

Além dos instrumentos musicais, o presépio desta cena também pertencia à Folia de Reis comandada pelo Zezinho de Paracatu. As imagens da Sagrada Família estavam espalhadas pelo chão ao chegarmos ao local.

À medida em que Elias contava as histórias do pai, cuidadosamente pegava uma por uma até remontar o presépio em cima da mesa. Mesmo sujos de lama, os santos passam a sensação de calma e esperança em meio ao caos e formam uma composição singela.

Paracatu era um vilarejo muito religioso e os habitantes de lá perderam as casas, mas não perderam a fé. De maioria católica, as missas estavam sempre cheias. A capela de Santo Antônio é tão importante para a população que foi o único lugar que ganhou uma barreira para ser protegida de vandalismo.



Figura 19 – Galeria: Papa João Paulo II

Poucos dias depois da tragédia, o padre Wellerson, da Igreja Católica de São Sebastião, do município de Barra Longa, cedeu uma paróquia para que os fiéis da Igreja Evangélica Batista pudessem realizar cultos, já que o templo deles tinha sido totalmente destruído pela lama proveniente do rompimento das barragens. Ele explicou que, em momento de tristeza e dor, a missão de todos os cristãos é acolher o próximo, assim como Cristo fez.

No meio da bagunça, o quadro sobressai. A moldura envolve uma imagem do Papa João Paulo II, que liderou a Igreja Católica de 1978 até sua morte, em 2004. A presença do quadro em um ambiente que parecia ser um quarto de casal mostra a devoção das famílias de Paracatu à religião e se apresenta como símbolo do conforto e do refúgio que os atingidos pela tragédia encontram na fé.



Figura 20 – Galeria: Bar do Jairo

Onde há o sagrado, também há o profano. Para além de toda fé e de toda celebração religiosa, toda comunidade precisa também de tempo e de espaço para as festas mundanas. Pequenos templos de socialização.

O bar do Jairo era famoso em Paracatu. Ali aconteciam muitas confraternizações, cervejinhas de fim da tarde, rodas de viola, conversas e encontros. O marrom cobriu a pintura verde da parede e soterrou mesas, cadeiras, engradados de bebidas e boas memórias da população.

A escritura ao alto é a legenda necessária de escombros que se reduziram a um buraco na parede. E o vazio árido de pessoas, sentimentos e momentos que se perderam de um bar que era único, porque era do Jairo e também daqueles que ali frequentavam.



Figura 21 – Galeria: Enfeites de Natal

Quando a barragem se rompeu, era praticamente véspera de Natal. O pisca-pisca preso ao que restou de uma casa mostra que no dia 25 de dezembro, as famílias comemorariam o nascimento de Cristo longe de casa.

A ceia não teve a mesma graça das dos outros natais. Nesta data, os moradores estavam realocados em quartos de pousadas e hotéis de Mariana alugados pela Samarco.

Pouco mais de um mês havia passado desde o rompimento das barragens e os ex-moradores de Paracatu passavam por um período de adaptação à nova realidade. Nas festas de fim de ano de 2015, o motivo da celebração era uma comunidade inteira que estava nascendo de novo.



Figura 22 – Galeria: Disco de Vinil

O disco de vinil remete ao passado. Em tempos áureos, rodava na vitrola e acompanhava as cantorias do distrito, que hoje está tão quebrado, sujo e deformado quanto ele. Uma música que, antigamente, despertou boas sensações, agora pode provocar dor por trazer à memória uma realidade totalmente diferente da atual.

No dia 5 de novembro, a trilha sonora que tocava dentro das casas foi encoberta pelo som ensurdecedor da avalanche de lama, com barulho de pedaços de árvores se quebrando, paredes sendo derrubadas e o grito dos bichos. Não mais as melodias, os ritmos e as harmonias. Hoje, tudo é silêncio.



Figura 23 – Galeria: Troféu do campeonato de futebol

A imagem leva o observador a questionar sobre o que o objeto se trata. O enquadramento fechado foi escolhido para mostrar mais detalhes, porém impediu a contextualização e a compreensão da imagem do troféu do campeonato de futebol de Paracatu. Se o recorte fosse mais amplo, a imagem mostraria também o campo onde o time treinava e a trave do gol coberta de lama pela metade.

Um campo de futebol também é um espaço de socialização e identidade de uma comunidade. Os torneios amistosos faziam parte do cotidiano da população, e o troféu esquecido é símbolo de vitórias passadas. Agora, nenhuma partida é apitada ali e o time está dividido, com cada jogador para um lado.



Figura 24 – Galeria: Camas

Na parede atrás das camas, está escrita de giz a frase “Embora ninguém possa voltar atrás e fazer um novo começo, qualquer um pode começar agora”. Não é possível dizer se ela foi escrita antes ou depois da tragédia, mas a mensagem reforça o sentimento de superação e recomeço.

O cômodo que antes era sinônimo de conforto, descanso e bons sonhos, agora abriga os rastros de devastação e é cenário do pior dos pesadelos. Do dia para a noite, os moradores de Paracatu tiveram o sossego arrancado e agora vivem em outros quartos e dormem em camas que não estavam acostumados.



Figura 25 – Galeria: Arco de flores

O tom rosa das flores se destaca em meio ao marrom do resto da cena e forma um arco que parece dar boas vindas a quem entra na casa que agora só abriga o barro. Mesmo em um ambiente inóspito, a capacidade de superação e sobrevivência da natureza se mostra eficaz.

Provavelmente, a raiz da planta está por baixo do barro, em uma camada fértil, de forma que a vida só se sustenta pelo que existia antes. A fotografia foi produzida com fins estéticos e destaca a beleza em meio ao caos da catástrofe, de modo que mesmo sendo palco de tanto sofrimento, Paracatu ainda abre espaço para um toque de poesia.



Figura 26 – Galeria: Altura da lama

Na imagem, é possível ver a altura da lama quando se tem a maçaneta da porta como referencial. Em casos de enchente, a água causa destruição, mas depois vai embora. Um dos pontos que torna a tragédia ainda mais grave é a impossibilidade de reconstrução das casas por causa da solidez e permanência da lama. Em Paracatu, a catástrofe não é passageira, ela é permanente. Agora, o povoado é tingido de lama e sepultado por barro seco.



Figura 27 – Galeria: Panorama geral

A situação de Paracatu lembra a de Pompéia, uma cidade italiana que foi dizimada quando o vulcão Vesúvio entrou em erupção.

O plano aberto dá um panorama geral das ruínas que sobraram do vilarejo. O verde do fundo disputa lugar com o marrom do primeiro plano. A árvore seca enquadrada no centro é o destaque da imagem. A fração acinzentada dos galhos revela que ela não conseguiu sobreviver em meio ao barro e acabou morrendo junto com as construções a sua volta. Como se tivesse sido pintada a mão, a faixa marrom mostra a altura que a lama alcançou.



Figura 28 – Galeria: Pegada

No fim de junho deste ano, o ator norte-americano Danny Glover, famoso pela atuação em *Máquina Mortífera*, visitou Paracatu para ver de perto as consequências do rompimento da barragem de Fundão.

A imagem mostra a marca de sapato sobre uma superfície que cobre o que costumava ser uma cidade. Hoje em dia, quem deixa pegadas em Paracatu são curiosos que vem de fora. Além do ator, Elias relatou que o distrito já foi visitado por um grupo de pesquisadores portugueses e que eventualmente vê até ônibus de excursão com visitas guiadas.

O vilarejo se tornou uma espécie de sítio arqueológico, com artefatos remanescentes da época em que as ruas ainda não haviam se tornado ruínas.



Figura 29 – Galeria: Feixe de luz

A fotometria da imagem foi medida com a intenção de que o feixe de luz à direita ficasse em evidência. O contraste de uma faixa clara entrando em um ambiente mais escuro retrata e esperanças das famílias que, apesar da saudade, precisam olhar para frente e refazerem suas vidas.

A Samarco estabeleceu o prazo de reconstrução da comunidade até 2019. Nada será como antes, mas a população poderá começar uma nova etapa em um lugar que podem chamar de seu, com uma nova praça, uma nova igreja e com ruas prontas para a construção de novas histórias.

5 CONCLUSÃO

Por mais que se tenha noção da gravidade da tragédia, o impacto ao ver a destruição de perto é muito grande. Ao ter acesso aos destroços de Paracatu, o passado parece não se encaixar no amontoado de lama que restou. Mesmo com as evidências de que casas estiveram construídas ali, é difícil visualizar um vilarejo inteiro, habitado por pessoas e com as construções de pé. A realização do trabalho causou, a princípio, um abalo emocional pelo contato direto com uma realidade tão dura. Apesar disso, o sentimento dominante é uma grande satisfação por ter cumprido o objetivo de dar visibilidade a uma parte oculta da tragédia.

O uso da linguagem fotográfica para concretizar tal objetivo resultou em uma experiência marcante, que permitiu a união da estética visual com as práticas jornalísticas aprendidas durante a graduação. Até então, o currículo fotográfico carregava apenas experiências relacionadas a registros de momentos felizes, como casamentos e aniversários. Ao entrar em uma área desconhecida e produzir imagens sobre os efeitos de uma tragédia, houve uma expansão do conhecimento e surgiram várias reflexões sobre o ato de fotografar. Além de registrar para transmitir a informação, o fotógrafo tem um papel mais abrangente na sociedade. Quando se está diante de uma catástrofe, é preciso ponderar o modo e motivo de mostra-la. Neste caso, as imagens foram feitas com a intenção de revelar um fato oculto e atingir a consciência do espectador para instigar uma ação. Além disso, a fotografia tem o poder de resistência da memória, e não permite que os acontecimentos sejam esquecidos, mesmo que tenham ocorrido tempos atrás.

Ao mesmo tempo em que uma fotografia mostra o que fica na frente das lentes, ela também carrega alguns traços de quem está por trás da câmera. Cada pessoa enxerga o mundo de uma forma particular e passa por situações singulares que se expressam no ato fotográfico. Ao estar em contato com as vítimas, foi preciso adequar a ideia inicial às condições reais para respeitar o sofrimento pelo qual elas estavam passando. Essa experiência pessoal direcionou a produção de fotografias para uma abordagem não literal do desespero e da tristeza das pessoas, através do que sobrou de suas casas e de seus pertences. Não foi preciso mostrar pessoas para narrar o drama humano.

Direta ou indiretamente, todos os brasileiros foram atingidos pelo rompimento da barragem da Samarco. De forma geral, a produção da monografia se desdobrou em um inevitável sentimento de empatia com as pessoas que tiveram suas vidas completamente modificadas pelo que aconteceu.

REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. **A câmara clara**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BRESSON, Henri Cartier. **O Imaginário Segundo a Natureza**. São Paulo: GGili, 2004.

DUBOIS, Phillippe. **O Ato Fotográfico**. Campinas: Papirus, 1994.

KOSSOY, Boris. **Realidades e ficções na trama fotográfica**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

SOUSA, Jorge Pedro. **Uma história crítica do fotojornalismo ocidental**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2004.

MCNALLY, Joe. **O Momento do Click**. São Paulo: Alta Books, 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

REVISTA CURINGA. Mariana: UFOP, 2016.